

Parte I - Psicanálise: clínica e conceitos

Construção da fantasia, constituição do fantasma

Maria Cristina Poli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

POLI, MC. Construção da fantasia, constituição do fantasma. In: BACKES, C., org. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 43-49. ISBN 978-85-386-0387-0. Available from: doi: [10.7476/9788538603870](https://doi.org/10.7476/9788538603870). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ckhgz/epub/costa-9788538603870.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Construção da fantasia, constituição do fantasma

O termo lacaniano “fantasma” é, a bem dizer, um neologismo da psicanálise brasileira. Em francês há duas formas de se traduzir “fantasia”: ou bem se opta pelo termo antigo e em desuso *fantaisie*, ou bem se traduz, no melhor da língua, por *fantasme*. Porém, se quisermos dizer “fantasma” – o Gasparzinho, por exemplo – em francês, não há dúvidas: a palavra a ser usada será *fantôme*, bastante alheia ao vocabulário psicanalítico. Portanto, quando, ao lermos Lacan, encontramos a palavra “fantasma” no lugar de fantasia, trata-se de um erro de tradução. Um “erro” que vingou porque, como veremos, ele permite incluir uma discriminação entre as formações do inconsciente que, não estando presente no texto freudiano, é correlativa da invenção por Lacan do objeto *a*.

Freud utiliza-se do termo fantasia – *Phantasie*, em alemão – de um modo bastante amplo, condensando diferentes sentidos. As fantasias podem ser conscientes ou inconscientes. No primeiro caso, há também o recurso ao termo “sonho diurno” que auxilia a discriminação. Ou ainda, “lembranças encobridoras” e “falsos reconhecimentos”, ambas narrativas que servem de argumento ao eu consciente; são conteúdos manifestos, formações de compromisso que trazem a marca do desejo inconsciente, e que permanecem como moradores estrangeiros no eu. O uso do termo fantasia, neste contexto, a designa como texto das formações do inconsciente. Já as fantasias originárias (*Urphantasiën*) são, indubitavelmente, inconscientes e as-

sim o permanecem. Freud (1973c, 1973d, 1973e) as enumera: cena primária, fantasia de sedução e fantasia de castração. Cada uma correspondendo a um ponto de enigma fundamental sobre as origens: do próprio sujeito, do desejo e da diferença sexual, respectivamente (Laplanche; Pontalis, 1988). Elas são transmitidas pela filogênese e buscam confirmação na experiência. São, portanto, textos do Outro, antes de serem do sujeito; “lendas-tipo”, que nos mitos e fábulas ganham enredos culturalmente contingentes.

Mas há, ainda, um outro sentido para o termo fantasia em Freud. São as fantasias inconscientes, posto que recalçadas. Este é o caso do enunciado “Bate-se numa criança” (Freud, 1919). Esta fantasia, analisada por Freud, aproxima-se dos outros sentidos, mas se diferencia em um aspecto fundamental: por um lado, ela é indicada pelo psicanalista como uma “fantasia típica”, encontrada de forma semelhante em vários pacientes (além de apresentar um aspecto de realidade que a aproxima das “lembranças encobridoras”); porém, por outro lado, o que a diferencia das fantasias originárias e do sonho diurno, diz Freud, é que a fantasia recalçada é uma construção da análise.

Nesse importante texto, o autor apresenta os tempos dessa construção. Primeiro, o enunciado se apresenta como exterior ao sujeito, como uma lembrança imprecisa: alguém é batido por um adulto, uma figura de autoridade. Esta fase da fantasia, relata Freud, é marcada pelo sadismo: um irmão ou uma irmã que é maltratado pelo pai ou por um representante seu (como um professor, por exemplo). Há, no entanto, um indeterminismo do sujeito e do objeto da ação que condiz com a sua universalidade. É também o que permite o gozo sádico desprovido de culpa. O trabalho da análise conduz o sujeito à implicação: “o pai bate numa criança odiada por mim” é o enunciado que o desdobramento da cena em análise, nesta primeira fase, conclui. Ele se expressa como memória, como lembrança encobridora do desejo que o constitui.

A passagem para a segunda fase é de fundamental importância. É neste ponto que Freud vai se referir à fantasia como uma construção da análise. “Eu sou batido pelo pai”, não é uma lembrança, mas uma realidade psíquica endereçada à transferência. Este tipo de construção trata-se, diz Freud (1973a), de um trabalho

preliminar ao empreendimento analítico. É a produção da implicação na transferência contemporânea ao endereçamento da demanda. O psicanalista indica, ainda, o caráter masoquista em causa nesta construção, o que denota também a sua ambivalência: por um lado, pedido de salvação de um gozo alheio (“O pai me bate; logo, me odeia”); por outro, expressão deste mesmo gozo como próprio (“Sou amado pelo pai, pois ele me bate”). Esta segunda fase da fantasia, como destaca Freud, é decorrente da culpa produzida pelo gozo sádico presente no primeiro enunciado (“O pai bate numa criança odiada por mim”).

Há, ainda, uma terceira fase: reconhecido o gozo masoquista, o sujeito pode voltar à indeterminação inicial, gozando sadicamente como espectador da cena. Novamente é um adulto que bate em uma outra criança, sem fixidez dos personagens. O importante, relata Freud, é que neste tempo da fantasia de flagelação o sujeito está nas duas posições: aquela em que é batido, pois se identifica com o personagem, e aquela do observador da cena. A posição masoquista da segunda fase permite que se produza um amálgama com o sadismo anterior. Através da forma sádica, a satisfação masoquista é realizada pela fantasia, situando o sujeito tanto do lado da atividade quanto da passividade. Além disso, acrescenta Freud, com a passagem pela posição masoquista, a fantasia adquiriu caráter erótico. Nesta terceira fase, portanto, ela apresenta deliberadamente uma função onanista.

Não entrarei aqui nas considerações sobre o masoquismo na obra de Freud. Sabe-se o quanto o psicanalista se ocupa desta questão, sobretudo na segunda parte de seu trabalho, na segunda tópica. No texto “Problema econômico do masoquismo” (Freud, 1973b), o autor postula a existência de um masoquismo originário, diferente de sua posição no texto que estamos trabalhando. Independentemente desta oscilação, interessa-nos destacar do texto “Pegan un niño” a apresentação de Freud sobre a fantasia como uma construção. Além disso, a pergunta que dirige o autor, nesse texto, é sobre a origem das perversões. Ele volta a afirmar que a sexualidade infantil perversopolimorfa é “a força propulsora principal na formação dos sintomas” (Freud, 1919, p. 2.480). A predominância do elemento sádico predispõe à constituição de sintomas obsessivos. Para tanto, contudo,

a fantasia terá de passar pela operação de recalque e retornar como formação do inconsciente. O recalque não a elimina.¹ Há, portanto, a indicação reiterada de que a fantasia é um resíduo perverso, derivado da sexualidade infantil, e que pode permanecer inalterado na neurose. A passagem pelo complexo de Édipo não liquida a perversão e por isso o sintoma advém. Trata-se de um resto de gozo que permanece alheio à estrutura da neurose, precisando recorrer à formação sintomática em suplência.

Esta relação entre fantasia perversa e sintoma neurótico pode ser situada, também, por ambos serem modos de representação e expressão de satisfações pulsionais perdidas. Nas lições introdutórias à psicanálise, Freud define assim a fantasia:

[...] atividade psíquica, segundo a qual todas as fontes de prazer e todos os meios de adquirir prazer, aos quais se renunciou, continuam existindo sob uma forma que os põem ao abrigo das exigências da realidade e daquilo que denominamos “prova de realidade”. A seguir, toda tendência reveste a forma onde ela se representa como satisfeita. (Freud, 1973d, p. 2.354-2.355)

A fantasia recalçada apresenta a cena de uma satisfação pulsional realizada. Já o sintoma, formação de compromisso, inclui a interdição e recorre a uma satisfação substitutiva; ele condensa a satisfação pulsional e sua proibição. O caminho da análise reconstitui a fantasia inconsciente – o desejo – que está na base dessa formação. É nesse ponto que se pode afirmar com Freud que “os sintomas são a vida sexual dos neuróticos”. Eles são expressão do desejo, representantes substitutivos da satisfação pulsional perdida. Já na fantasia é a própria cena de satisfação que está em causa.

Interessante que Freud incluía na análise da fantasia o tempo da construção: tempo de inclusão do sujeito na cena de satisfação. É também desse tempo, como vimos anteriormente, que deriva a função erótica da fantasia, a sua função de restituição de uma satisfação perdida. No primeiro tempo, quando a cena se apresenta de forma consciente como uma “lembrança encobridora”, o sujeito está excluí-

¹ Freud, no entanto, afirma que a perversão infantil “pode sucumbir ao recalque, ser substituída por um produto de reação ou transmutada por uma sublimação” (Freud, 1919, p. 2.466). Haveria de se diferenciar, aqui, a forma como Freud e Lacan concebem esta relação entre fantasia e sintoma. Remetemos o leitor ao trabalho que fizemos em Poli (2005). Retomá-lo fugiria aos propósitos deste trabalho.

do da cena. Se há gozo, é do Outro. Não se trata da posição do *voyeur*, que entrará em causa apenas no terceiro tempo, depois da construção, nem de uma objetualização masoquista que se faz acompanhar da queixa de ser excluído como equivalente ao ser/não ser amado. Este é o trabalho do segundo tempo, da construção. O primeiro é um tempo dessubjetivado, um tempo no qual o sujeito é acéfalo, para usar uma expressão cara a Lacan.

Freud utiliza o termo fantasia para designar indiscriminadamente todos esses tempos (é certo que ele já demonstra a função específica de cada um, as diferentes posições que o sujeito assume). Lacan avança neste trabalho. O modelo freudiano da construção da fantasia pela inclusão do sujeito na cena torna-se, então, paradigmático da própria constituição do sujeito. Trata-se do que passamos a denominar, para além da “vontade” de Lacan – que, como sabemos, era sempre a de seguir a *letra freudiana* –, como fantasma.

Podemos conjecturar que tal expressão tenha vingado na psicanálise brasileira pelo que ela denota como uma certa função da sombra, como o lugar do duplo (Costa, 2005). Efetivamente, o “eu” que se precipita no enunciado do “bate-se” ocupa o lugar do duplo. Duplo não apenas daquele que é batido, como objeto na posição masoquista, mas, também, como projeção especular da cena de gozo. Ou seja, o “eu”, neste caso, é uma sombra da realização pulsional na qual sujeito (Outro) e objeto (outro) se complementam.

primeiro tempo: Sujeito (Outro – *Es*) → objeto (*a*)

segundo tempo: [Outro – outro (*a*) → objeto (*a'*)] = Eu, isto é, *i(a)*

Observe-se aí o desdobramento da análise freudiana no esquema L de Lacan (1998). Estamos, efetivamente, no campo da constituição do sujeito que, além de um tempo originário na cronologia da vida, refere-se também à constituição do laço transferencial em um percurso de análise. Tempo de alienação, no qual o sujeito vai passar do lugar de observador excluído, sujeito acéfalo, ao de “sujeito dividido”. Esta condição do sujeito é aquela indicada por Freud no terceiro tempo: ao mesmo tempo objeto na cena e sujeito ao gozo produzido por ela.

terceiro tempo: Outro → *i(a)* ← Eu (\$)

A constituição do fantasma, correlativa à constituição do sujeito, designa, portanto, a necessária passagem pela condição de alienação ao campo do Outro. Esta alienação implica, como indica Freud na descrição do segundo tempo, a imaginarização da cena. Ou seja, para que um sujeito possa se produzir é necessário que o laço se suporte em uma montagem imaginária, na qual o sujeito e o objeto da satisfação pulsional são encarnados por *outros* ($a - a'$) que se posicionam na função de Outro e de objeto a . Isto tanto na constituição efetiva do sujeito, o *falasser*, no início da vida, quanto para o sujeito da transferência. Se a presença do analista é fundamental para que o laço transferencial se proceda é porque é desde o suporte de seu corpo, sua imagem e seu lugar – isto é, nas dimensões do real, imaginário e simbólico desta presença – que ele funcionará como amálgama entre Sujeito suposto saber (Outro) e objeto causa de desejo (objeto a). A implicação do sujeito na transferência, a sua condição de sujeito alienado e dividido pelo discurso que aí se produz, passa por este suporte no que chamaríamos de dimensão imaginária do laço transferencial.

O terceiro tempo, tempo da separação, opera a descolagem entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Interessante que ela é correlativa da duplicação do sujeito na cena: por um lado, posição passiva, por outro, posição ativa. Discurso e pulsão são alinhavados pelo fantasma. A falta de um se torna a falta do outro, conforme demonstra Lacan (1990). No tempo da separação, essa sobreposição retorna como enigma: “Quem sou eu na cena?” é uma forma de perguntar sobre o desejo do Outro no qual o sujeito está alienado. Se a pergunta pode ser formulada é porque uma hipótese foi feita. Hipótese de um saber insabido, inconsciente. Para que este passo seja possível – Freud o indica já quando postula a importância da fantasia como realidade psíquica – é preciso não acreditar muito na veracidade da narrativa.

A fantasia vela o enigma. *Fantasiar* é também disfarçar, encobrir, deslizamento semântico que, mais uma vez, a língua portuguesa permite, sobretudo, no tempo reflexivo: *fantasiar-se*. Levantar o *vel* da fantasia para encontrar a estrutura do fantasma, a condição de duplicação, de divisão do sujeito. Tarefa inicial de uma análise e que se constitui, ao longo de todo o percurso, em um de seus operadores principais.

Referências

COSTA, Ana. *Clinicando*. Porto Alegre, 2005. Seminário proferido na Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

FREUD, Sigmund. Construcciones en psicoanalysis. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973a. Tomo III.

_____. El problema económico del masoquismo. In: _____. _____. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973b. Tomo III.

_____. História de una neurosis infantil. In: _____. _____. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973c. Tomo II.

_____. Lección 23: vías de formación de síntomas – lecciones introductorias al psicoanalysis. In: _____. _____. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973d. Tomo II.

_____. Pegan um niño. In: _____. _____. Madrid: Biblioteca Nueva, 1919. Tomo III.

_____. Un caso de paranoia contrario a la teoría psicanalítica. In: _____. _____. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973e. Tomo II.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. *O seminário*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

POLI, Maria Cristina. *Clinica da exclusão: a construção da fantasia e o sujeito adolescente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.